



POLÍTICA OPERÁRIA

Fora Estados Unidos da Venezuela e da América Latina!

Defesa incondicional da Venezuela e do governo Maduro frente ao ataque dos EUA.

O petróleo da Venezuela pertence aos venezuelanos.

Constituir a Frente Unica Anti-imperialista, dirigida pela classe operária, para derrotar o imperialismo e defender a soberania nacional da Venezuela e das demais nações oprimidas.

Logo depois de sequestrar o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, e sua esposa, em 3 de janeiro, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump declarou abertamente que seu objetivo é o de controlar (entenda-se: roubar) a maior reserva de petróleo do mundo, que se encontra na Venezuela. Para sequestrar Maduro, Donald Trump mandou bombardear bases militares e prédios civis matando 80 pessoas, entre militares e civis.

Nas últimas décadas os Estados Unidos vêm perdendo influência e mercados na guerra comercial com a China. Por isso, Trump decidiu sancionar com tarifas de importação e fazer ameaça direta de intervenção militar aos países e governos que não se submeterem aos seus interesses. Isso é o que está fazendo na Venezuela.

Trump primeiro ordenou um bloqueio naval no Mar do Caribe. Bombardeou vários barcos matando mais de 70 pessoas. Sequestrou e roubou 3 buques que transportavam petróleo. Tudo isso para tentar quebrar a economia da Venezuela e colocar no poder um governo vassalo que permita às petroleiras americanas explorar o petróleo e demais riquezas do país.

No Brasil, representantes da ultradireita bolsonarista como o Dep. Nicolas Ferreira, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, e outros capachos de Trump, comemoraram o ataque dos Estados Unidos à Venezuela. O governo burguês de Lula por sua vez, mostrando seu caráter entreguista, permite que multinacionais petroleiras como as norte-americanas Chevron e ExxonMo-

bil, explorem o petróleo brasileiro. Enquanto Donald Trump ataca a Venezuela, Lula declarou recentemente que “ficou amigo” de Donald Trump. A burguesia nacional e seus governos entreguistas são incapazes de defender a soberania nacional.

Somente a classe operária unida, por meio de suas próprias organizações, seus métodos de luta e seu programa revolucionário, pode dirigir a maioria oprimida e derrotar a ofensiva imperialista.

Os Estados Unidos são responsáveis por vários golpes de Estado na América Latina e no mundo

Depois de sequestrar o presidente da Venezuela, Trump ameaçou fazer o mesmo com o presidente da Colômbia e falou que pretende anexar a Groenlândia. Em 1964, os Estados Unidos para combater o movimento operário que se levantava em greve no Brasil, financiou o golpe de Estado que derrubou o governo de João Goulart e estabeleceu a ditadura militar até 1985, prendendo, torturando e assassinando mais de 10 mil trabalhadores.

O Boletim Nossa Classe chama os operários e demais explorados a defender de forma incondicional a Venezuela e não acreditar na conversa fiada de que os EUA estão lutando contra o “narcotráfico” ou “defendendo a democracia”. Trump representa os interesses das petroleiras e já declarou que seu objetivo é o de transformar outra vez a América

Latina em seu quintal para saquear o petróleo e seus recursos naturais. Devemos responder às ameaças e intervenção militar dos Estados Unidos na Venezuela e na América Latina, organizando um movimento anti-imperialista.

A tarefa colocada é a de organizar a frente única anti-imperialista, da maioria oprimida, liderada pela classe operária para combater a burguesia nacional entreguista, expropriar e estatizar sem indenização e sob o controle operário as multinacionais e empresas privadas, expulsar o imperialismo e constituir nosso próprio governo, operário e camponês, expressão da ditadura do proletariado.

O Nossa Classe chama os operários a exigir que os sindicatos e centrais convoquem um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, como preparação da greve geral, para defender o programa próprio de reivindicações, expulsar o imperialismo da Venezuela e da América Latina e defender a autodeterminação das nações oprimidas.

Participe do

ENCONTRO

OPERÁRIO

Entre em contato: (11) 95446-2020
@massas_por

Nosso objetivo é construir comissões de fábrica e oposições sindicais democráticas, classistas e revolucionárias, para resgatar os sindicatos para a luta em defesa dos empregos, salários e direitos!

7/2 • 17h
Presencial



Greve Nacional dos Petroleiros demonstrou a disposição de luta da categoria, apesar da política de conciliação da burocracia sindical

A greve dos petroleiros que terminou no dia 30 de dezembro mostrou a disposição de luta dos operários com grande adesão especialmente nas bases operacionais, plataformas, refinarias e terminais. A adesão no setor administrativo atingiu 100%. A greve que durou 16 dias se chocou por um lado com a política de privatização, terceirização e ataque aos direitos dos trabalhadores do governo burguês de Lula e, por outro, com a política corporativista e de conciliação de classe da burocracia sindical da FUP, governista, ligada a CUT e da FNP, ligada a CSP-Conlutas.

Somente nos primeiros nove meses de 2025 a Petrobras distribuiu mais de R\$ 30 bilhões para acionistas privados, enquanto “ofereceu” apenas 0,5% de aumento real para os trabalhadores que produzem toda a riqueza. Para impor as reivindicações ao governo a greve deveria em primeiro lugar unificar a luta dos trabalhadores efetivos e terceirizados. Para isso, as direções da FUP e da FNP deveriam ter aprovado na pauta de reivindicações a efetivação dos trabalhadores terceirizados e o fim da terceirização. A força da classe operária se encontra na sua luta unificada. A burocracia sindical, no entanto, manteve a divisão e enfraqueceu a luta ao não defender a efetivação dos trabalhadores terceirizados.

Na Recap, em Mauá, por exemplo, o número de trabalhadores terceirizados é muito maior do que o dos efetivos. Em todas as unidades a burocracia realizava assembleias e parava apenas os trabalhadores efetivos, enquanto os terceirizados entravam normalmente para trabalhar. Essa divisão escancara o quão nefasta é a política da burocracia sindical da FUP e da FNP, que não organizam a luta para colocar fim às

contrarreformas, em particular, à trabalhista e à lei da terceirização. Em vez de organizar a luta pela efetivação dos trabalhadores terceirizados e o fim da terceirização, a burocracia da CUT e da CSP-Conlutas, cria sindicatos de terceirizados, aceitando e normalizando assim, a divisão dos trabalhadores, os baixos salários e a superexploração dos trabalhadores terceirizados.

A greve dos petroleiros revelou, mais uma vez, a política governista da CUT/PT de apoio ao governo burguês de Lula e a política de conciliação e traição da CSP-Conlutas-PSTU. O caráter passivo e divisionista da greve foi o que permitiu ao governo e ao TST (Tribunal Superior do Trabalho) aplicar a lei antigreve que determina o trabalho de 80% do efetivo e muitas aos sindicatos.

O Boletim Nossa Classe/POR apoiou e trabalhou ativamente em defesa da greve dos petroleiros, defendendo a luta unificada dos trabalhadores efetivos e terceirizados. Unificar a luta dos petroleiros e dos trabalhadores dos correios. A necessidade de incorporar na pauta de reivindicações a efetivação dos trabalhadores terceirizados e o fim da terceirização; a luta por um salário mínimo vital que seja suficiente para manter a família trabalhadora; o fim da escala 6x1; pela redução da jornada de trabalho, sem redução de salários; que as centrais e sindicatos convoquem um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, como preparação da greve geral; para impor as reivindicações ao governo burguês de Lula; pela reestatização sem indenização e sob o controle operário das refinarias e distribuidoras da Petrobras privatizadas.

Formação política do Nossa Classe

As eleições burguesas desviam a luta de classes e se chocam com a luta pela emancipação dos trabalhadores

“O governo moderno não é senão um comitê para gerir os negócios da burguesia” (Marx e Engels).

O Estado não é um ente neutro. Em sua essência é um instrumento de dominação de classe. Suas estruturas de poder — como o Parlamento, o Judiciário e as Forças Armadas — são expressões históricas dessa dominação. As eleições burguesas, dominadas por quem possui poder econômico e político, jamais expressam a genuína “vontade popular”, mas sim a correlação de forças permitida dentro dos limites impostos pela burguesia. O poder real não reside na urna, mas no capital financeiro, no controle da economia e no aparato repressivo estatal. Por isso, é uma ilusão acreditar que o processo eleitoral, por si só, pode melhorar a vida da maioria oprimida e conduzir à superação do capitalismo.

O marxismo rejeita a tese de que basta ter “origem sindical” ou uma “trajetória de luta” para defender os interesses da classe operária dentro dessas instituições. A máquina do Estado burguês foi desenhada com um propósito único: proteger a propriedade privada

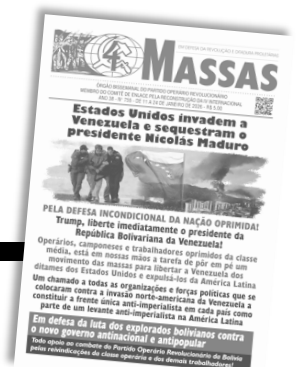
dos meios de produção, assegurar o pagamento da dívida pública e blindar os lucros dos capitalistas nacionais e internacionais.

A história mostrou que dirigentes sindicais que são eleitos para o parlamento acabam absorvidos pela lógica da “governabilidade”, se corrompem, transformam-se em defensores do “possível” e passam a combater a luta de classes. O resultado é desastroso: em vez de fortalecer e defender a luta independente da classe operária para colocar fim ao Estado burguês e ao sistema de exploração capitalista, esse caminho desarma politicamente as bases. Greves são contidas em nome da “responsabilidade institucional” e recuos históricos são justificados sob o pretexto de que a correlação de forças é desfavorável.

A força social da classe operária está na sua própria organização, na capacidade de paralisar a produção e a circulação de mercadorias, afetando a economia e obrigando os patrões e seus

governos a atender às reivindicações das massas exploradas. A eleição de políticos supostamente comprometidos com os explorados não altera a essência do Estado burguês. Basta ver que diversas contrarreformas, como a trabalhista e a previdenciária, são sistematicamente impostas pelos governantes e parlamentares.

A tarefa central do movimento operário não é eleger representantes para o parlamento burguês, mas a de expulsar a burocracia sindical traidora e construir direções classistas e revolucionárias para resgatar os sindicatos para a luta de classes e, principalmente, construir nosso próprio partido, operário revolucionário, que tem como estratégia a expropriação da burguesia do poder por meio de uma revolução social e a constituição do governo operário e camponês.



Leia e divulgue o Jornal Massas. É um jornal voltado à luta pela emancipação da classe operária e demais oprimidos da exploração capitalista. É um jornal do Partido Operário Revolucionário (POR) que luta pelo fim do capitalismo e pela construção da sociedade sem exploração do homem pelo homem, uma sociedade socialista. **O Boletim Nossa Classe chama os trabalhadores a dar todo apoio ao Jornal Massas!**